DANÇA DA MORTE DE LA

nao d'amores

teatro da Cornucópia

DANZA DE LA MUERTE

Dramaturgia y dirección
ANA ZAMORA

Dirección musical
ALICIA LÁZARO

nao d'amores

teatro da cornucópia

LA VIDA NOS DA LA MUERTE

La Danza de la Muerte es una sucesión de textos e imágenes presididas por la *Muerte* como personaje central que, en actitud de danzar, dialoga y arrastra uno por uno a una relación de personajes representativos de las diferentes clases sociales. Se trata de un tema de extensión inabarcable, que ocupa diversos territorios literarios, participa de múltiples manifestaciones artísticas y se relaciona con el teatro, la música, la danza, el folclore y otros fenómenos artísticos y sociales. Aunque aún hoy tengamos grandes incertidumbres en torno a su origen y desarrollo, podemos afirmar que llegó a invadir todo el último medioevo europeo, constituyendo un ejemplo de transmisión cultural sin precedentes, saltando de país en país en un cúmulo de relaciones, de influencias entre artistas, poetas y creadores.

Siguiendo esta vía de contagio intercultural, *Nao d'amores* y el *Teatro da Cornucópia*, abordan una producción conjunta, un espectáculo inspirado en textos españoles y portugueses de los siglos XV y XVI, que giran en torno a la temática de la *Danza Macabra*.

La *Dança General* (Códice de El Escorial y edición sevillana de 1520) ha servido como eje central para una dramaturgia que se articula con fragmentos de obras de Gil Vicente (*Barca do Inferno, do Purgatorio y da Gloria, Quem tem farelos, O velho da horta, Nao d'amores, Farsa dos fisicos, Comedia do viuvo y Romagem de agravados*), así como con otros textos anónimos de carácter dramático como es el *Diálogo entre el viejo, el amor y la mujer hermosa*, y material lírico procedente de diversos cancioneros de la época.

El resultado ha sido un espectáculo bilingüe que, siguiendo nuestra línea de investigación habitual, integra el trabajo actoral y la interpretación musical en directo con reproducciones de instrumentos de la época, para recrear un género dramático que fue el motivo favorito de una sociedad que terminaba su existencia y que en ella plasmó su mensaje de sátira y de esperanza.

Dança da Morte / Dança de la Muerte, es una fantasía de la imaginación popular, un viaje en el tiempo para revivir los mitos que ayudaron a mitigar el absurdo de la muerte, desde el contexto actual en el que se tiende a negarla y a alejar su recuerdo, en el que hemos sustituido el anhelo ancestral de la inmortalidad por la ficción inmadura de la *amortalidad*. Nuestra *Danza de la Muerte* pretende ser en realidad una *Danza de la Vida*, un ritual que nos lleve a compartir ese sentido de lo efímero, un acto ceremonial para conjurar nuestra preocupación más ancestral, aquella que nos hace humanos: la Muerte.

Ana Zamora

La vida nos da la muerte,
y por eso quien la olvida
tiene olvido de la vida.
(D. Sánchez de Badajoz)

UMA DANÇA
BILINGUE

Um dia de verão meti-me no carro e cheguei ao pequeno teatro de El Escorial. Uma Companhia que se chamava *Nao d'amores*, nome antigo de uma peça de Gil Vicente, representava a *Sibila Casandra*, uma dessas peças em castelhano e que por isso nunca se representam em Portugal, de um português de outros tempos que escrevia para uma corte então bilingue. Tudo se anunciava antigo e tudo se anunciava afectivo. *Nao d'amores*?! E foi uma descoberta, um encontro e um reencontro, dessas coisas que poucas vezes acontecem na vida. À porta, sentado, estava um velho sábio que me dizia: "Luis Miguel, vem cá, que eu andei contigo ao colo." Era Alonso Zamora Vicente. Depois apareceu uma moça em tudo diferente: era a encenadora, e sabia que eu tinha vindo de longe, mas passou a correr, porque não tinha tempo para me falar. Era mais importante o espectáculo. Aí logo a reconheci como gente de uma família a que pertenço (chamem-lhe artística, se quiserem, eu o adjectivo dispenso), para quem o teatro importa mais que tudo porque é aquele lugar onde a vida se reinventa, a vida como é, uma vida melhor que a que temos. Pensava por certo a rapariga que mais do que com qualquer conversa eu a conheceria pelo espectáculo que se ia representar. Assim foi. No espectáculo encontrei a generosidade e a pureza original que os "Amores" do nome da Companhia anunciavam e, através do jogo teatral, uma capacidade de descobrir nos textos antigos uma maneira dar corpo vivo a uma qualidade da natureza humana que o nosso tempo tem de salvar. Descobria uma amiga.

Entre mim e a Ana vai a distância de uma geração: o seu avô foi amigo do meu pai. Mas ambos herdámos deles um mesmo amor pelas coisas antigas: a história da língua, os textos antigos, a música, as tradições populares. Coisas que nos contam a passagem do tempo, o curso da vida. E ambos as tentamos trazer para os nossos dias, com um gosto pela História que é desejo de viver de outra maneira. Com valores menos mortais. Julgo que foi nesta zona que nasceu uma cumplicidade rara entre gente de idades tão diferentes. Dessa teimosia vai a Ana construindo delicados espectáculos, que se parecem pouco com o teatro do nosso tempo e que por isso mesmo lhe dão vida.

A amizade entre os dois nasceu naturalmente. Como nasceu naturalmente a vontade de a ver integrada numa estrutura de características muito diferentes, o *Teatro da Cornucópia* de Lisboa, velho de 36 anos, que dirijo com Cristina Reis e que poucas vezes se tem dedicado a textos tão antigos mas que, numa época como a nossa de tão pouca memória e tão imediatista, tem também vindo a procurar, na encenação de já mais de 100 textos de todas as épocas, um confronto permanente do espectador moderno com maneiras antigas de pensar trazidas por textos que de alguma forma renovam a nossa cabeça, a nossa maneira de sentir, e sem forçar, como quem entra num jogo. E por isso lhe pedi para nos inventar um espectáculo comum.

Respondeu-me com uma contra-proposta que era a verdade do seu trabalho: "Uma encenação na tua companhia não faz sentido. Faz sentido uma co-produção, um encontro dos dois grupos." Respondi: "Tens razão. Mas eu queria entrar." E ela: "Claro, eu também quero isso." Estava tudo certo. Seria um espectáculo bilingue, construído e estreado em Lisboa, na sede da Cornucópia, com a minha participação como actor, e que depois, iria viajar em terras portuguesas e espanhola. O que me ofereceu foi o contrário da melancolia em que quase sempre me encerro: um jogo com pessoas vivas, *uma dança de la muerte* que vem do tempo em que se convivia com a morte e que consegue ser o contrário da *vanitas* que o barroco nos deixou e que reconheço na caveira que encontro entre os instrumentos musicais quando entro no palco ainda sem gente; um elogio de tudo o que irremediavelmente passa, tão inútil como tudo o que nos torna felizes, um triunfo da alegria. E tão evidente, tão santo e tão pagão como esta Terra em que nos foi dado viver. Feito, como se diz em bilingue, com o "coração/corazón, cabeça/cabeza e/y estômago/panza", de quem está vivo e quer trazer para a vida toda a gente. Eu trouxe comigo a Sofia Marques, mulher para estas e outras andanças, e encontrei-me, para além da Ana, e como era de prever, com um grupo de gente boa que nos embarcaram na sua Nao. E senti-me em casa vestindo a pele da Morte/Muerte para voltar a dizer com um texto de Gil Vicente ("Aviai-vos e partir que vossa vida é sonhar e a morte é despertar pera nunca mais dormir nem acordar.") o que dissera como Próspero de *A Tempestade*: "Somos feitos da matéria com que se tecem os sonhos, e é um sono que coroa a nossa breve vida". Mas com redobrada e bilingue energia. E com tantas coroas como os "sombreiros" com que se joga esta Dança.

Luis Miguel Cintra

ET LUX PERPETUA
LUCEAT EIS

La obra musical más antigua que conservamos sobre el tema de la muerte -*Ad mortem festinamus*- está contenida en el Llibre Vermell de Montserrat, una colección de diez danzas que los monjes del monasterio utilizaban seguramente para uso de los romeros. A finales del s.XV, esta melodía fue copiada en un fresco del monasterio de San Francisco, en Morella, y aparece también en dos manuscritos alemanes de principios del XV, constituyendo, como apuntan M.C. Gómez y F. Massip, una primera "versión oficial" europea, de lo que será, en siglos sucesivos, la popular Danza de la Muerte.

Las descripciones de los Triunfos de la Muerte, comparsas macabras y celebraciones similares realizadas desde el s.XIV al XVI nos muestran el papel que la música tenía en estas escenificaciones, y los instrumentos habitualmente utilizados para acompañar el canto y la danza.

Los expertos establecen que hacia fines del s.XV, la danza de la muerte, que se presenta ya por parejas, es la muy extendida *morisca*, relacionada en el s.XVI con los *matachines*, que aun se bailan en Méjico. Fuentes musicales son también los libros de laúd que recogen colecciones de danzas, los cancioneros españoles que contienen desde la alusión directa a la muerte a la cita o la parodia del Oficio de Difuntos, y los cantos populares y ritmos de danzas que aún perviven.

El Oficio de Difuntos se inicia en Vísperas con la Antífona y Salmo 114, *Placebo Domino in regione vivorum*. Las plañideras, contratadas para llorar a los muertos, eran llamadas precisamente *Placebos,* y este término pasó después a la terminología médica, para denominar el efecto de fingimiento. Nuestras *Placebos* danzan sobre un ritmo similar al de la danza de espadas popular de Cantabria y norte peninsular.

El cantollano del Oficio y la Misa de Difuntos es el hilo conductor de los personajes eclesiásticos, al que se añaden citas polifónicas de Brumel, Ockeghem, Josquin y Morales.

Juan del Encina nos proporciona las músicas de rey y labrador. El rey danza a los compases de *Mortal tristura me dieron* de Juan del Encina, que contiene el motivo del *Circumdederunt me*, que los danzantes entonaron a la entrada. Al más "refinado" de los personajes civiles, el corregidor, se asignó música de Guillaume Dufay, que no podía faltar en este viaje. El portugués Pedro de Escobar y algún otro anónimo del Cancionero de Elvas parecían obligados en esta cita hispano-portuguesa, en la que la Danza de la Muerte hispana se combina con textos de Gil Vicente, quien nos proporciona también dos villancicos castellanos citados directamente en la *Barca da Gloria*: *Nunca fue pena mayor y Lo que queda es lo seguro*.

El embarque definitivo de los personajes se realiza al son de la danza *De Doot* (La Muerte), que aunque proviene del libro de laúd Thysius, tiene un sospechoso parecido con los conocidos *Matachines* o *Buffons* del tratado de danza de Arbeau. Finalmente, de Italia -aunque con cierto carácter hispánico- nos llega la música de la partida: la *Calata a la spagnola* de Joan Ambrosio Dalza, y *Voca la galiera* del Cancionero de Montecassino, relacionado con la corte aragonesa de Nápoles.

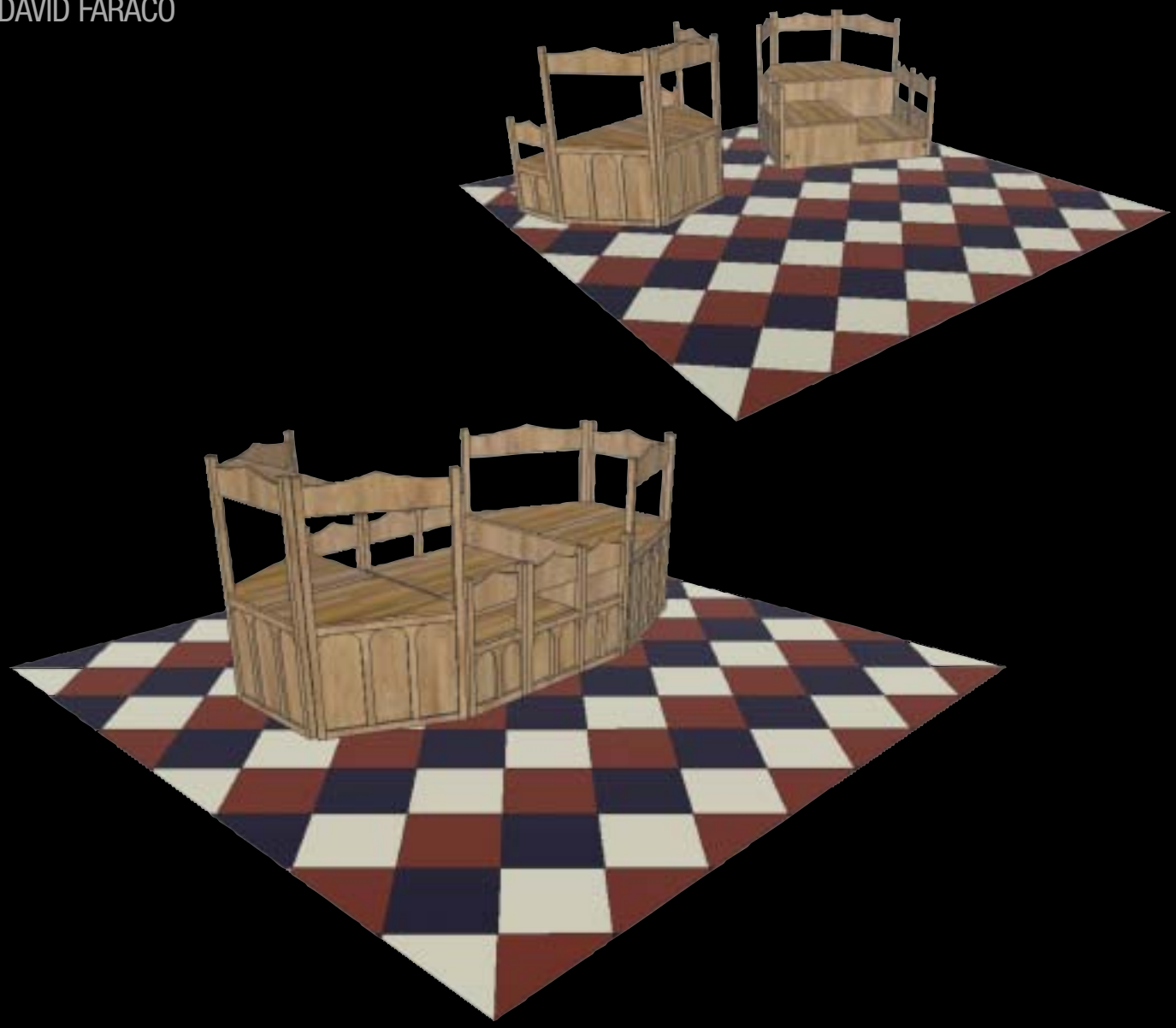
Sirva todo ello al montaje de esta Dança, y también de homenaje a tan estupendos músicos como los que aquí convocamos... y los que faltan a la cita, porque no caben en la barca.

Et lux perpetua luceat eis

Alicia Lázaro

ESCENOGRAFÍA

DAVID FARACO



SOMBREROS

RICARDO VERGNE

VESTUARIO
DEBORAH MACÍAS

ESCENA 1. **PRÓLOGO**

Textos de la "Dança general" edición de Sevilla 1520, y manuscrito de El Escorial.

ACTOR

Yo estando triste e muy fatigado
con un pensamiento que siempre tenía,
el cual me traía tanto atormentado
que nunca jamás de mí se partía,
oí una boz cruel que dezía:
"Hombre sin temor, dexa esse pensar;
si quieres bivir comiença emendar",
e dixo esto más que aquí se seguía:

"¿Qué locura es ésta tan magnifiesta
que piensas tú, omne, que el otro morrá
e tú quedarás por ser bien conpuesta
la tu conplisión, e que durará?
Non eres çierto si en punto verná
sobre ti a dessora alguna corrupçión
de landre o carbonco, o tal inplisión
por que el tu vil cuerpo se dessatará.

¿O piensas por ser mançebo valiente,
o ninno de días, que aluenne estaré,
e fasta que liegues a viejo inpotente
la mi venida me detardaré?
Avísate bien que yo llegaré
a ti a desora, que non he cuidado
que tú seas mançebo o viejo cansado,
que qual te fallare, tal te levaré".

La práctica muestra seer pura verdad
aquesto que dixo, sin otra fallençia.
La Sancta Escriptura, con çertenidad,
da sobre todos su firme sentençia
a todos diziendo: "fazed penitençia,
que a morir avedes non sabedes quándo";
por ende idvos ya aparejando,
temiendo a Dios e buena conciencia.

Fazed lo que digo, non vos detardedes,
que ya la muerte encomiença a hordenar
una dança esquiva, de que non podedes
por cosa ninguna que sea escapar;
a la cual dize que quiere levar
a todos nosotros, lançando sus redes.
Abrid las orejas, que agora oiredes
de su charanbela un triste cantar.

ESCENA 2. **ENTRADA PROCESIONAL Y ANUNCIO DE LA DANÇA**

Textos de Officium defunctorum: Ad Vesperas (Antíphona I / Psalmus 114)

ACTOR

Placebo Domino in regione vivorum

ACTOR y MÚSICO

Placebo Domino in regione vivorum

TODOS

Placebo Domino in regione vivorum

MÚSICO

Circumdederunt me doloris mortis et pericula inferni invenerunt me

TODOS

Placebo Domino in regione vivorum

MÚSICO

Tribulationem et dolorem in veni
et nomem Domini invocavi

TODOS

Placebo Domino in regione vivorum

ESCENA 3. ANUNCIO DE LA DANÇA

Textos de la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial; y "Ad mortem festinamus" del Llibre Vermell de Montserrat;

ACTOR

Aquí comiença la dança general.

ACTRIZ 1

en la qual tracta cómo la Muerte dize y avisa a todas las criaturas que paren mientes en la breviedad de su vida,

ACTRIZ 2

e que della mayor cabdal non sea fecho que ella meresçe.

ACTRIZ 1

E asimesmo les dize e requiere que pugnen en fazer buenas obras, porque ayan conplido perdón de sus pecados;

ACTRIZ 2

e, luego siguiente, llama e requiere a todos los estados del mundo que vengan de su buen grado o contra su voluntad.

LAS DOS

Començando dize ansí:

TODOS

Ad mortem festinamus
peccare desistamus
peccare desistamus

Scribere proposui
de contemptu mundano
ut degentes seculi
non mulcentur in vano

Ad mortem festinamus
peccare desistamus
peccare desistamus

LA MUERTE

Yo so la muerte çierta a todas criaturas
que son y serán en el mundo durante.
Demando y digo: o, omne. ¿por qué curas
de vida tan breve en punto pasante?;
pues non ay tan fuerte nin rezio gigante
que deste mi arco se puede anparar,
conviene que mueras quando lo tirar
con esta mi frecha cruel traspasante.

[A] esta mi dança traxe de presente
estas dos donzellas que vedes fermosas;
ellas vinieron de muy mala mente
oir mis cançiones, que son dolorosas.
Mas non les valdrán flores e rosas
nin las composturas que poner solían.
De mí, si pudiesen, partir se querrían;
mas non puede ser, que son mis esposas.

ESCENA 4. ESCENA DE LAS DONCELLAS

Textos de "O velho da horta" y "Nao d´amores", ambas de Gil Vicente; "Diálogo entre el viejo, el amor y la mujer hermosa"; y la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial.

DONCELLA PORTUGUESA

E qual será a desestrada,
que atente em vosso amor?

LA MUERTE

Ó, minha alma e minha dor
quem vos tivesse furtada!

DONCELLA PORTUGUESA

Que prazer
quem vos isso ouvir dizer
cuidará que estais vós vivo,
ou que soes pera viver.

LA MUERTE

Vivo nam no quero ser,
mas cativo.

DONCELLA PORTUGUESA

Vossa alma não é lembrada
que vos despede esta vida?

LA MUERTE

Vós sois minha despedida,
minha morte antecipada.

DONCELLA PORTUGUESA

Que galante,
que rosa, que diamante
que preciosa perla fina!

LA MUERTE

Oh fortuna triumphante!
quem meteo um velho amante
com menina?

O maior risco da vida,
e mais perigroso, é amar
que morrer é acabar,
e amor nao tem saída.
E pois penado
ainda que seja amado,
vive qualquer amador;
que fará o desamado,
e sendo desesperado
de favor?

DONCELLA PORTUGUESA

Ora dá-lhe lá favores
velhice, como t´enganas.

LA MUERTE

Essas palavras oufanas
acendem mais os amores.

DONCELLA PORTUGUESA

Bô homem! estais ás escuras
nam vos vedes como estaes?

LA MUERTE

Vos me cegais com tristuras,
mas vejo as desaventuras
que me daes.

DONCELLA PORTUGUESA

Nam vedes que sois já morto,
e andais contra natura?

LA MUERTE

Ó, flor da mor fermosura,
quem vos trouxe este meu horto?
Ai de mi!
Porque assi como vos vi,

cegou minha alma e a vida
e está tam fora de si,
que em partindo- vos daqui,
é partida.

DONCELLA PORTUGUESA

Já perto soes de morrer:
donde nace esta sandice,
que, quanto mais na velhice,
amais os velhos viver?
e mais querida,
quando estais mais de partida,
é a vida que leixaes?

LA MUERTE

Tanto soes mais homicida,
que, quando amo mais a vida,
ma tiraes.

Porque a minha hora d´agora
val vinte annos dos passados;
que os moços namorados
a mocidade os escora.
Mas um velho,
em idade de conselho,
de menina namorado...
Ó minh´alma e meu espelho!

DONCELLA PORTUGUESA

Ó miolo de coelho
mal assado.

LA MUERTE

Avante, vejez cansada,
esfuérçate para buscar
la ventura desseada
más dina de dessear
que cierta de ser hallada.

DONCELLA ESPAÑOLA

Viejo, vuestro mundo es ido.

LA MUERTE

En antes tengo pensado
que todo el tiempo passado
de nuevo se me ha venido.

¡Oh divinal hermosura,
ante quien el mundo es feo,
imagen cuya pintura
pintó Dios a su figura!
Yo te veo y no lo creo.
Tales dos contrarios siento
en contemplar tu eçelençia
qu´entre plazer y tormento,
detenido el sentimiento,
no conozco tu presençia.

Consienta tu mereçer,
no por ruego conpelida,
mas por solo tu valer,
que te sirva mi querer
mientra durare esta vida.
Y si me culpas porque
en pedir merçed exçedo,
razón tienes, bien lo sé,
mas tu virtud y mi fe
me ponen nuevo denuedo.

DONCELLA ESPAÑOLA

¡Oh años mal empleados,
oh vegez mal conoçida,
oh pensamientos dañados,
oh deseos mal hallados,
oh vergüença bien perdida!
Vive en seso, viejo en días,
que t´espera el cementerio;

déxate destas porfías,
pues con más razón debrías
meterte en un monesterio.

Mira, mira tu cabeça,
qu´es un recuesto nevado.
Mírate pieça por pieça
y, si el juzgar no entropieça,
hallarte as enbalsamado.
¿No vees la frente arrugada
y los ojos a la sonbra
la mexilla descarnada,
la nariz luenga, afilada,
y la boca que me asonbra?

Y esos dientes carcomidos
que ya no puedes moverlos,
con los labrios bien fronzidos
y los onbros tan salidos,
¿a quién no espanta en verlos?
Y este caduco çimiento
do fuerça ninguna mora,
¿no te trae al pensamiento
que devieras ser contento
con tener de vida un ora?

LA MUERTE

Pues que tu beldad me daña,
tu piedat, señora; invoco:
¡çese contra mí tu saña,
no te muestres tan estraña!

DONCELLA ESPAÑOLA

¡Tírate allá, viejo loco!

LA MUERTE

¡Ah! ¿no sabes que soy tuyo?

DONCELLA ESPAÑOLA

Mío no, mas de la tierra.

LA MUERTE

Tuyo, digo, y no te huyo.

DONCELLA ESPAÑOLA

Presto verás qu´eres suyo,
si mi juïzio no yerra.

¡No toques, viejo, mis paños!
¡Déxame, qu´estoy nojada!
Que si estovieses mil años
quexando siempre tus daños,
nunca me verías mudada.

LA MUERTE

A éstas e a todos por las aposturas
daré fealdad, la vida partida,
e desnudedad por las vestiduras;
por siempre jamás muy triste aborrida,
e por los palaçios daré, por medida,
sepulcros escuros de dentro fedientes,
e por los manjares, gusanos royentes
que coman de dentro su carne podrida.

ESCENA 5. **COMIENZO DE LA DANÇA**

Textos de la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial y la edición de Sevilla 1520.

MUERTE

A la dança mortal venit los nasçidos
que en el mundo soes de qualquiera estado;
el que non quisiere, a fuerça e amidos
fazer le he venir muy toste priado.
Pues que ya assaz veces vos han predicado
que todos vayaes a fazer penitençia,
el que non quisiere poner diligençia
por mí non puede ser más esperado.

ESCENA 5.1. **DANÇA**
EL PADRE SANTO

Textos de la "Dança general" según el manuscrito de El Escorial; Officium defunctorum (Ad matutinum, Invitatorium); y "Auto da Barca da Gloria", de Gil Vicente.

LA MUERTE

E porque el Santo Padre es muy alto sennor,
e en todo el mundo non ay su par,
desta mi dança será guiador;
desnude su capa, comiençe a sotar.
Non es ya tienpo de perdones dar
nin de celebrar en grande aparato,
que yo le daré en breve mal rato.
¡Dançad, Padre Santo, sin más detardar!

EL PADRE SANTO

Regem cui omnia vivunt

TODOS

Venite adoremus

EL PADRE SANTO

¡Ay de mí, triste, qué cosa tan fuerte
a mí que tractava tan grand perlazía!
¡aver de pasar agora la muerte
e non me valer lo que dar solía!
Benefiçios e honrras e grand sennoría
tove en el mundo pensado vevir;
pues de ti, muerte, non puedo fuir,
¡Valme Jhesu Cristo, e tú, Virgen María!

LA MUERTE

Vos, Padre Sancto, ¿pensastes
ser inmortal? Tal os vistes,
nunca me considerastes,
tanto en vos os enlevastes,
que nunca me conocistes.

EL PADRE SANTO

Ya venciste;
mi poder me destruiste
con dolor descompassado.
¡Oh Eva! ¿por qué pariste
esta Muerte amara y triste
al pie del árbol vedado?

Ésta es biva, y has parido
a todos tus hijos muertos;
y mataste a tu marido
poniendo a Dios en olvido
en el huerto de los huertos,
Véisme aquí
muy triste porque nascí;
del mundo y vida quexoso:
mi alto estado perdí,
veo el diablo ante mí
y no cierto el mi reposo.

LA MUERTE

Non vos enojedes, sennor Padre Santo,
de andar en mi dança que tengo ordenada.
Non vos valdrá el bermejo manto:
de lo que fezistes abredes soldada.
Non vos aprovecha echar la cruzada,
proveer de obispados, nin dar benefiçios;
aquí moriredes sin fer más bolliçios.
¡Dançad, inperante, con cara pagada!

EL PADRE SANTO

Venite exsultemus Domino,
jubilemus Deo salutari nostro,

TODOS

Venite exsultemus Domino,
jubilemus Deo salutari nostro,

praeoccupemus faciem ejus in confessione et in psalmis jubilemus ei.

LA MUERTE

Venga Vuessa Sanctidad
en buen ora, Padre Sancto;
beatíssima magestad
de tan alta dignidad
que moristes de quebranto.
Vos iréis,
en este batel que veis,
comigo a Lucifer;
y la mítara quitaréis
y los pies le besaréis,
y esto luego ha de ser.

EL PADRE SANTO

¿Sabes tú que soy sagrado
Vicario en el Sancto Templo?

LA MUERTE

Cuanto más de alto estado,
tanto más es obligado
dar a todos buen exemplo,
y ser llano,
a todos manso y humano,
quanto más ser de corona:
antes muerto que tirano
antes pobre que mundano,
como fue vuessa persona.

Luxuria os desconsagró,
sobervia os hizo daño;
y lo más que os condenó,
simonía con engaño.
Vení embarcar.
¿Véis aquellos açotar
con vergas de hierro ardiendo,
y después atanazar?
Pues allí avéis d´andar
para siempre padeciendo.

LA MUERTE

Regem cui omnia vivunt

TODOS

Venite adoremus

ESCENA 5.2. **DANÇA EL REY**

Textos de la "Dança general" según el manuscrito de El Escorial; "Auto da Barca da Gloria", de Gil Vicente; y "Nunca fue pena mayor", de Johannes Wreede.

EL REY

¡Valía, valía, los mis cavalleros!
yo non querría ir a tan baxa dança;
llegad vos con los vallesteros,
hanparadme todos por fuerça de lança.
Mas ¿qué es aquesto que veo en balança
acortarse mi vida e perder los sentidos?
El coraçón se me quexa con grandes gemidos.
Adiós, mis vasallos, que muerte me trança.

¡Quánto dolor se m´ajunta!

LA MUERTE

Señor, ¿qu´es de huessa alteza?

EL REY

¡Oh, regurosa pregunta!
¡Pues me la tienes defunta,
no resucites tristeza!
¡Oh, ventura,
fortuna perversa, escura!
¿Pues vida desaparece,
y la muerte es de tristura,

¿adónde estás, gloria segura?
¿quál dichoso te merece?

LA MUERTE

Señor, quiero caminar:
huessa alteza ha de partir.

EL REY

¿Y por mar he de passar?

LA MUERTE

Sí, y aun tiene que sudar,
ca no fue nadie el morir.
Pasmaréis
si miráis: d´ahí veréis
a dó seréis morador
n´aquellos fuegos que veis;
y, llorando, cantaréis:

EL REY

Nunca fue pena mayor

TODOS

nin tormento tan extraño

LA MUERTE

Rey fuerte, tirano, que siempre robastes
todo vuestro reyno e fenchistes el arca;
de fazer justicia muy poco curastes,
segunt es notorio por vuestra comarca.
Venit para mí, que yo so monarca
que prenderé a vos, e a otro más alto;
llegat de la dança, cortés, en un salto.
Señor Cardenal, venid a mi barca.

ESCENA 5.3. DANÇA
EL CARDENAL

Textos de Missae pro Defunctis (Sequentia); "Auto da Barca da Gloria", de Gil Vicente; y la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial.

EL CARDENAL

Dies irae, dies illa,
solvet saeclum in favilla,
teste David cum Sibylla

LA MUERTE

Quantus tremor est futurus,
quando judex est venturus,
cuncta stricte discussurus

EL CARDENAL

Todo hombre que es nascido
de muger, tien breve vida;
que quasi flos es salido,
y, luego, presto abatido
y su alma perseguida.
Y no pensamos,
quando la vida gozamos,
cómo della nos partimos;
y como sombra passamos,
y en dolores acabamos
porque en dolores nascimos.

MUERTE

Ya no quiero declarar
cosas más pera dezir.
Determinad d´embarcar
y luego sin dilatar,
que no tenéis qué argoir:
sois perdido.
¿Oís aquel gran roído

n´el lago de los leones?
Despertad bien el oído:
vos seréis allí comido
de canes y de dragones.

Reverendo padre, bien vos avisé
que aquí abríades por fuerça a llegar,
en esta mi dança, en que vos faré
agora aína un poco sudar.
Pensastes el mundo por vos trastornar,
por llegar a papa e ser soberano,
mas non lo seredes aqueste verano.

Dies irae, dies illa,
solvet saeclum in favilla,
teste David cum Sibylla.

Venit cavallero, venit a dançar.

ESCENA 5.4. **DANÇA EL CAVALLERO**

Textos de "Auto da Barca da Gloria", de Gil Vicente; y la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial.

LA MUERTE

¡Cavallero, sin castillo,
mi alma desesperada!
Siempre fuistes amarillo,
hecho oro de martilho.
ésta es huessa posada.

EL CAVALLERO

¡Cortesía!

LA MUERTE

Entre huessa senhoría,
cavallero y remarás.

EL CAVALLERO

Haze mucha maresía,
estotra barca es la mía
y tú no me passarás.

LA MUERTE

¿Véis aquella puente ardiendo
muy lexos allende´l mar
y unas ruedas bolviendo
de navajas y hiriendo?
Pues allí avéis d´andar
siempre jamás.

EL CAVALLERO

¡Retro vaya Satanás!

LA MUERTE

¡Lucifer que m´acreciente!
Cavallero, allá irás
que la hiel se t´arrebiente.

LA MUERTE

Fuir non conviene al que ha de estar quedo;
estad, cavallero, dexat el cavallo;
andad en la dança alegre, muy ledo,
sin fazer rüido, ca yo bien me callo.
Mas verdad vos digo que, al cantar el gallo,
seredes tornado de otra figura:
allí perderedes vuestra fermosura.
Venit vos, obispo, a ser mi vasallo.

ESCENA 5.5. **DANÇA EL OBISPO**

Textos de: Officium defunctorum, (Ad Vesperas, Psalmus 129); "Auto da Barca da Gloria", de Gil Vicente; "Lo que queda es lo seguro" de Pedro de Escobar; y la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial.

TODOS

De profundis clamavi ad te Domine,
Domine exaudi vocem meam

EL OBISPO

¿Qué aprovecha en el bivir
trabajar por descansar?
¿Qué se monta en presumir?
¿De qué sirve en el morir
candela para cegar?
¿Ni plazer
en el mundo por vencer
estado de alta suerte,
pues presto dexa de ser?
Nos morimos por lo haver,
y es todo de la Muerte.

LA MUERTE

Lo que queda es lo seguro
Señor, venga acá esse esprito.

EL OBISPO

¡Oh, qué barco tan escuro!

LA MUERTE

En él iréis, yo os lo juro.

EL OBISPO

¡Cómo m´espantas, maldito,
indiablado!

LA MUERTE

Vos, el mi Obispo alterado,
tenéis acá que sudar;
moristes muy desatado
y, en la vida, ahogado
con desseos de papar.

TODOS

Lo que queda es lo seguro
que lo que comigo va
deseand´os morirá.

LA MUERTE

Ora, pues: ¡alto, embarcar!

OBISPO

No tengo contigo d´ir.

LA MUERTE

Señor, avéis de venir
a poblar nuestro lugar.
Veislo está:
vuessa señoría irá
en cien mil pedaços hecho,
y para siempre estará
en agua que herverá
y nunca seréis deshecho.

Obispo sagrado que fuestes pastor
de ánimas muchas, por vuestro pecado
a juizio iredes ante el Redenptor
e daredes cuenta de vuestro obispado.
Siempre anduvistes de gentes cargado,
en corte de rey y fuera de igleja,
mas yo sorziré la vuestra pelleja.

De profundis clamavi ad te Domine

TODOS

Domine exaudi vocem meam

LA MUERTE

Don Corregidor, estaes acabado.

ESCENA 5.6. **DANÇA**
EL CORREGIDOR

Textos de "Auto da Barca do Inferno", de Gil Vicente; y la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial y la edición de Sevilla de 1520.

LA MUERTE

Ora pois, entrai! Veremos
que diz i nesse papel.

CORREGIDOR

E onde vai o batel?

LA MUERTE

No inferno vos poremos.

CORREGIDOR

Como? à terra dos demos
ha d´ir um corregedor?

LA MUERTE

Sancto descorregedor
embarcai, e remaremos!

CORREGIDOR

Oh, renego da viagem,
e de quem m´ha de levar!
Ha 'quí meirinho do mar?

LA MUERTE

Nam há cá tal costumagem.

CORREGIDOR

Nam entendo esta barcagem
nem hoc non potest esse.

LA MUERTE

Se ora vos parecesse
que nam sei mais que linguagem.

Entrai, entrai, Corregedor!

CORREGIDOR

Hou! *videtis qui petatis!*
super jure magestatis
tem vosso mando vigor?...

LA MUERTE

Quando éreis ouvidor,
nonne accepistis rapina?
Pos ireis pola bolina
onde nossa mercê for.

Oh que isca esse papel,
pera um fogo que eu sei!

CORREGIDOR

Domine memento mei!

LA MUERTE

Non est tempus, bacharel!
Imbarquemini in batel,
quia judicastis malícia.

CORREGIDOR

Semper ego in justicia
fecit, e bem por nivel.

LA MUERTE

A largo modo adqueristis
sanguinis laboratorum,
ignorantes peccatorum.
Ut quid eos non audistis?...

CORREGIDOR

Vós, Morte, *nonne legistis*
que o dar quebra os penedos?...
Os dereitos estam quedos,
si aliquid tradidistis.

LA MUERTE

Ora entray nos negros fados:

ireis ao lago dos cães,
e vereis os escrivães
como estam tam prosperados.

CORREGIDOR

E na terra dos danados
estam os Evangelistas?...

LA MUERTE

Os mestres das burlas vistas
lá estam bem fragoados.

Don corregidor prevalicador,
que de amas las partes levastes salario,
véngase vos en miente cómo sin temor
bolvistes la foja por otro contrario.
El Chino e el Bártolo e el Coletario
non vos librarán de mi poder mero;
aquí pagaredes como buen romero.
E vos, señor cura, dexad el breviario.

ESCENA 5.7. **DANÇA EL CURA**

Textos de Missae pro Defunctis (Introito); la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial y la edición de Sevilla de 1520; y "Auto da Barca da Gloria", de Gil Vicente.

LA MUERTE

Requiem aeternam

EL CURA

Non quiero exorzismos nin conjuraciones,
con mis perrochianos quiero ir folgar;
ellos me dan pollos, asaz de lechones
e muchas obladas con el pie de altar.
Locura sería mis diezmos dexar
e ir a tu dança de que non se parte;
pero, a la fin, non sé por quál arte
desta tu dança pudiese escapar.

LA MUERTE

Ved, señor, si traéis friete
para aquel barco del cielo.

EL CURA

¡Allí iría yo por grumete!

LA MUERTE

Primero os sudará el topete.

EL CURA

Tú no das nunca consuelo,
¡oh, Muerte escura!
Pues me diste sepultura
no me des nuevas de mí.
Ya hundiste la figura
de mi carne sin ventura.
¡Tirana, déxame aquí!

LA MUERTE

¿Ahora se os acordó?
El asno muerto, cevada
De vos bien segura, estó:
¿pensaréis que no sé yo
la huessa vida passada?

EL CURA

Yo te requero.

LA MUERTE

Vos, señor padre agorero,
fuistes a Dios perezoso;
a lo vano, muy ligero;
a las hembras, plazentero;
a los pobres, reguroso.

CURA

Muy crueles bozes dan
los gusanos quantos son,

a dó mis carnes están,
sobre quáles comerán
primero mi coraçón.

LA MUERTE

No lloréis,
Señor don Cura; hecho es:
a todos hago essa guerra.

CURA

Oh mis manos y mis pies,
quán sin consuelo estarés,
y quán presto seréis tierra.

LA MUERTE

Ya non es tiempo de yazer al sol
con los perrochianos beviendo del vino.
Yo vos mostraré un re mi fa sol
que agora conpuse de canto muy fino.
Tal como a vos quiero aver por vezino,
que muchas ánimas tovistes en gremio,
segunt las registes avredes el premio.

Requiem aeternam

Dançe el labrador que viene del molino.

ESCENA 5.8. **DANÇA EL LAVRADOR**

Textos de "Auto da Barca do Purgatorio", de Gil Vicente; y la "Dança general", según el manuscrito de El Escorial.

LAVRADOR

Nós somos vida das gentes
e morte de nossas vidas,
a tiranos, pacientes
que à unhas e à dentes
nos tem as almas roídas.
Pera que é parouvelar?
Que queira ser peccador
o lavrador,
nam tem tempo nem logar
nem somente d´alimpar
as gotas do seu suor.

LAVRADOR

Que é isto? Cá chega o mar?
Ora é forte cagiam!

LA MUERTE

Alto, sus, quereis passar?
Ponde i o chapeyram,
e ajudareis a botar.

LAVRADOR

Da morte venh'eu cansado,
e cheo de refregéreo
e nam posso, mal pecado!

LA MUERTE

Poe eramá í o arado.

LAVRADOR

Perém esse é gram mestéreo.

LA MUERTE

Morreste tu bom Christão?

LAVRADOR

Que sei eu que vós dizeis?

LA MUERTE

Dize ora o *Crieleysam,*
Quirieleyson, Christeleysam.

LAVRADOR

O *Pater Nostre* quereis?
Já eu soube bom quinhão delle.
No santo faceto andei já,
e nunca me dei per elle;
e a Ave María a par delle
soube eu lá já tempos há.

LA MUERTE

Purga ao longo do rio
em grão fogo, merecendo.

LAVRADOR

E quando parte o navio?
Senhor, s´eu nam tenho frío,
pera que hei d´estar ardendo?

LA MUERTE

Si vuestro trabajo fue siempre sin arte,
non faziendo surco en la tierra agena,
en la gloria eternal avredes grand parte,
e por el contrario, sofriredes pena.
Pero, con todo esto, poned la melena,
allegadvos a mí, yo la uniré;
lo que a otros fize, a vos lo faré.
Y vos alfaquí, tomad buen estrena.

ESCENA 5.9. **DANÇA EL ALFAQUÍ**

Textos de la "Dança general" según el manuscrito de El Escorial.

ALFAQUÍ

¡Si Alahá me vala! Es fuerte cosa
esto que me mandas agora fazer;
yo tengo muger discreta, graçiosa,
de que he gazajado e assás plazer.
Todo quanto tengo quiero perder,
déxame con ella solamente estar;
de que fuere viejo, mándame levar
e a ella conmigo, si a ti pluguiere.

LA MUERTE

Venit vos, amigo, dexat el zallá,
ca el gamenno predicaredes;
a los veinte e siete vuestro capellá
nin vuestra camisa non la vestiredes;
en Meca nin en layda ý non estaredes
comiendo bunnuelos en alegría.
Busque otro alfaquí vuestra morería.
Passad vos, judío, veré qué diredes.

ESCENA 5.10. **DANÇA EL RABÍ. FINAL DE LA DANÇA**

Textos de la "Dança general" según el manuscrito de El Escorial; "Auto da Barca da Gloria" de Gil Vicente; y "Ad mortem festinamus" del Llibre Vermell de Montserrat.

LA MUERTE

Don rabí barbudo, que sienpre estudiastes
en el Talmud e en los sus doctores,
e de la verdad jamás non curastes,
por lo cual avredes penas e dolores.
Llegadvos acá con los dançadores,
e diredes por canto vuestra berahá;
dar vos han posada con Rabí Açá.

¡Que me penan essos puntos,
después que passa el bivir!
Mirad, Señores defunctos,

todos quantos estáis juntos
para el Infierno avéis d´ir.

A todos los que aquí non he nonbrado
de qualquier ley e estado o condición,
les mando que vengan muy toste priado
a entrar en mi dança sin escusaçion.
Non resçibiré jamás exebção
nin otro libelo nin declinatoria;
los que bien fizieron avrán sienpre gloria,
los quel contrario avrán dapnnação.

TODOS

Ad mortem festinamus
peccare desistamus
peccare desistamus

ESCENA 6. **ESCENA DEL MENINO DE TIERNA EDAD**

Textos de "Auto da Barca do Purgatorio", de Gil Vicente.

MENINO

Mãe e o coco está alí!

DONCELLA ESPAÑOLA

Queres vos estar quedo qu'elle?

LA MUERTE

Passa, passa tu per í.

MENINO

E vós quereis dar em mí
ò demo que o trouxe elle!

LA MUERTE

Béééé. méé´, filho da puta!
Vos estais muito garrido!
Tirar- vos-ão, dom perdido,
dos olhos a marmeluta.

MENINO

Eu vos tomarei a vós
à porta de minha tía;
entonces veremos nós
os cães de vossos avós,
que estavam na mancebía.

LA MUERTE

Béééé, mée

MENINO

Mãe, s´elle quer-me comer!
E meu pai nam vos dará?

LA MUERTE

Béééé, méé

MENINO

Dona, se lho eu disser...
e ele matar vos à:
entam ireis a morrer.

LA MUERTE

Béééé, mée

MENINO

Aquelle! s´eu chamar
o nosso Joane!...

LA MUERTE

Béééé...

DONCELLA ESPAÑOLA

Nam queres senam berrar?

LA MUERTE

Onde has-d'ír, ou pera que?

MENINO

Fica minha mãe chorando,
só porque m´eu vim de lá.

DONCELLA ESPAÑOLA
Mas fica desvariando,
que tu és do nosso bando
e pera sempre será.

ESCENA 7. CREACIÓN DE LA BARCA Y ESCENA DE LAS DONCELLAS

Textos del "Auto da Barca do Inferno", "Romagem dos Agravados", "Farsa dos físicos", "Comedia del Viudo" y "Quem tem farelos?", de Gil Vicente; y "Pásame por Dios barquero", de Pedro de Escobar.

LA MUERTE
A barca, á barca oulá
que temos gentil maré!
Óra venha a caro a ré.
DONCELLA ESPAÑOLA
Feito, feito.
Bem está.
LA MUERTE
Vai alí, muitieramá,
e atesa aquelle palanco,
e despeja aquelle banco,
pera gente que virá.

Á barca, á barca, hu!...
Asinha, que se quer ir!
Oh que tempo de partir,
louvores a Berzebu!
Ora sus! que fazes tu?...
Despeja todo esse leito.

DONCELLA PORTUGUESA
Em bon´ora: logo é feito
DONCELLA ESPAÑOLA
Abaixa aramá esse cu!

DONCELLA PORTUGUESA
E pera onde é a viagem?
LA MUERTE
Pera onde tu has d´ir.
Estamos pera partir:
nam cures de mais lingoagem.
DONCELLA PORTUGUESA
Mas pera onde é a passagem?
LA MUERTE
Pera a infernal comarca.
DONCELLA PORTUGUESA
Dixe!... Nam m´embarco eu nessa barca!
Estoutra tem avantagem.

LA MUERTE
Oh senhora que matais
a todos quantos feris
e a ninguem perdoais!
DONCELLA PORTUGUESA
Quam docemente mentís
todos quantos bem falaes!
LA MUERTE
Senhora, quem amansasse
vossas iras de matar!
DONCELLA PORTUGUESA
Quantos mortos que eu matasse
ajudastes a enterrar?

LA MUERTE
Ao menos eu agora!
Sem remédio de conforto,

já minha alma é de mi fora.
Pois memento mei, senhora,
lembre-vos que ando morto.
Morto me tendes aqui,
e morto desesperado.

DONCELLA PORTUGUESA

Quant´a se isso fosse assi
Espantar-m'ia eu de mi,
nam pasmar d´homem finado.

Como! fantasma sois vós?

LA MUERTE

Oh como estais graciosa!

DONCELLA PORTUGUESA

Digo que sam tam medrosa
dos mortos, livre-nos Deos!,
Que nam creo a morte vossa.
Se morto, como falaes?
Se defunto, como ouvis?
Sem alma, como sentís?
Sem sentidos, que pedís?
Finado, vós qué buscáes?

DONCELLA ESPAÑOLA

Oh muerte pues qu´es hermosa,
por qué te pintan terrible?
Y pues eres convenible
por qué te llaman furiosa?
Mas ante muy aplazible.
Oh bendito Dios amén
porque me hizo mortal;
que si naciera inmortal,
en pago de querer bien
fuera para siempre el mal.

Pásame por Dios barquero
d´aquesa parte del río
duélete del dolor mío.

A todos das sepultura,
Muerte, dime qué es de ti,
que te amo,
y por mi gran desventura
tú te hazes sorda a mí,
que te llamo.
Pues mi ánima se enoja
con las tristes ansias mías,
tan penada;
resgada sea la hoja
ado están escritos mis días,
y quemada!

DONCELLA PORTUGUESA

Venha essa prancha, e veremos
esta barca de tristura.

LA MUERTE

Embarque vossa doçura,
que cá nos entenderemos:
tomaréis um par de remos,
veremos cómo remáis;
e, chegando ao nosso cais,
nós vos desembarcaremos.

DONCELLA PORTUGUESA

Já vedes minha partida.
Os meus olhos já se vam;
se se parte minha vida,
cá me fica o coraçam.

ESCENA 8. EPÍLOGO Y SALIDA DEL VIAJE

Texto de la "Dança general" según el manuscrito de El Escorial; "Auto da Barca do Inferno", y "Auto da barca do Purgatorio" de Gil Vicente; Missae pro Defunctis (Comunio).

ACTOR

Pues que así es que a morir avemos,
de nesçesidad, sin otro remedio,
con pura conçiençia todos trabajemos
en servir a Dios sin otro comedio.
Ca Él es prinçipe, fin e el medio,
por do, si le plaze, avremos folgura,
aunque la muerte, con dança muy dura,
nos meta en su corro en qualquier comedio.

Requiem aeternam donaeis Domine

MÚSICO

Requiem aeternam donaeis Domine

TODOS

Et lux perpetua luceat eis

ACTOR

À barca, à barca, senhores!
Oh que maré tam de prata!
Um ventezinho que mata
e valentes remadores!

A barca, á barca boa gente,
que queremos dar à vela!
Chegar' ella, chegar' ella,
muitos, e de boa mente.

Aviai-vos, e partir,
que vossa vida é sonhar,
e a morte é despertar
pera nunca mais dormir,
nem acordar.

LOS MÚSICOS

Voca, voca!!!!

TODOS

Voca, voca,
la galiera, la galiera!!

FUENTES BIBLIOGRÁFICAS PARA LA ELABORACIÓN DE LA DRAMATURGIA*

DANÇA GENERAL DE LA MUERTE

Manuscrito: Biblioteca de El Escorial (Ms. b- IV- 21, fols. 109r-129r).

1ª Edición conocida:

Versión impresa en Sevilla por Juan Varela de Salamanca, en 1520.

Sólo se conoce su contenido por una copia a mano hecha por I. Lozano para J. Amador de los Ríos, a partir de un ejemplar que se guardaba en la antigua biblioteca de la Sapienza, la actual Alessandrina, de Roma; que fue publicada en 1865, formando parte de su *"Historia crítica de la literatura española".*

Ediciones modernas de las que partimos:

SOLA- SOLE, Josep M: *La Dança General de la Muerte* (Edición crítica, analítico- cuantitativa). Puvill- Editor. Barcelona, 1981.

BERMEJO HURTADO, Heydee y CVITANOVIC, Dinko: Danza general de la muerte. Cuadernos del Sur. Bahía Blanca. 1966.

ICAZA, Francisco A.y DE LOS RÍOS, José Amador (Transcripción): *La Danza de la Muerte. Textos de El Escorial (siglo XV) y de Sevilla (1520)*. Madrid, José Esteban editor. Clásicos El Árbol. Madrid, 1981.

INFANTES, Victor (Edición y notas): *Dança general de la muerte* (siglo XV- 1520). Visor. Madrid, 1982

MORREALE, Margherita: Para una antología de literatura castellana medieval: *La Danza de la Muerte*. Annali del Corso di Lingue e Letterature Straniere presso l'Università di Bari. Volume VI- 1963

RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, Julio (edición): *Poesía crítica y satírica del siglo XV* (pag 43-70). Ed. Castalia (C. C 114). Madrid, 1984.

DIÁLOGO ENTRE EL VIEJO EL AMOR Y LA MUJER HERMOSA

Manuscrito: Biblioteca Nacional de Nápoles. (M.s. XIII. G 42)

1ª Edición:

MIOLA, Alfonso: *Un testo drammatico spagnuolo del XV secolo*, en In memoria di N. Caix e U.A Canello, Miscellanea di filologia e linguistica, Florencia, 1886, (pp 175-189)

Ediciones modernas de las que partimos:

ÁLVAREZ PELLITERO, Ana María (edición): *Teatro Medieval* (la obra aparece como: *Querella entre el Viejo, el Amor y la Mujer Hermosa*). Colección Austral (A.157). Espasa Calpe S.A. Madrid, 1990.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel (edición, prólogo y notas): *Teatro medieval*. Crítica. Barcelona, 1997.

OBRAS DE GIL VICENTE

Ediciones antiguas utilizadas:

Copilaçam de todas las obras de Gil Vicente, Joao Álvares, Lisboa, 1562; ed. facs. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1928.

Copilaçam de todas las obras de Gil Vicente, Andrés Lobato, Lisboa 1586; ed. fac. *As obras de Gil Vicente* (Vol. IV). Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 2002

Ediciones modernas utilizadas:

VICENTE, Gil, *As obras de Gil Vicente*. Dirección científica José Camoes. Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda (5.Vol), Lisboa 2002.

VICENTE, Gil, *Teatro Castellano*. Manuel Calderón (edición y notas). Editorial Crítica, Barcelona, 1996

VICENTE, Gil, *Auto da Barca da Gloria y Nao d´amores*. María Idalina Resina Rodrigues (edición, introducción y notas). Castalia (C.C. 213). Madrid, 1995.

VICENTE, Gil, *Obras dramáticas castellanas*. Thomas Hart (edición y notas), Clásicos Castellanos, Espasa Calpe. Madrid, 1975.

VICENTE, Gil, *As Barcas* (Las Barcas). Armando López Castro (edición y notas). Servicio de Publicaciones, Universidad de León, 1987.

VICENTE, Gil, *Auto da Embarcação da Glória*, O texto original segundo a edição de 1562, com Versão Portuguesa, Introdução e Notas de Paulo Quintela, Colecção Universitas, Coimbra Editora ,Limitada, s/d

VICENTE, Gil, *Teatro de Gil Vicente.* Apresentação e leitura de António José Saraiva, Antologias Universais, Portugália Editora, Lisboa, 2ª edição 1963

* La transcripción de textos para la realización de esta dramaturgia, se ha regido por criterios estrictamente escénicos. Remitimos a las ediciones citadas para cualquier tipo de análisis o estudio de carácter filológico sobre los textos originales.

FUENTES MUSICALES

CANTOLLANO

Officium defunctorum

Ad Vesperas:
Antíphona I / Psalmus 114: *Placebo Domino / Circumdederunt me. Tribulationem et dolorem.*
Psalmus 129: *De profundis.*

Ad Matutinum:
Invitatorium: *Regem cui omnia vivunt. Venite exultemus Domino.*

Missae pro Defunctis

Introito: *Requiem aeteram*
Sequentia: *Dies irae.*
Comunio: *Requiem aeternam / Et lux perpetua.*

Liber Usualis (Ed.Solesmes. París, 1924)

POLIFONÍA LATINA

Officium Defunctorum

Ad Matutinum:
Invitatorium: *Venite adoremus. Venite exultemus Domino.*
Cristóbal de Morales (1512-1553). Ed.F.Pedrell. Hispaniae Schola Musica Sacra. Vol.I (Barcelona, 1894)

Missae pro Defunctis

Sequentia: Dies irae.
Comunio: Et lux perpetua.

Antoine Brumel (ca.1460- ca.1515). Ed.A.Seay (Wölfenbuttel; Mösseler, 1959). Ed.B.Hudson (American Institutut of Musicology, 1970).

DANZAS

Danza del Rey

Mortal tristura me dieron.

Juan del Encina (1469-1530). Cancionero Musical de Palacio. Ed.facsímil: M.Morais. *La obra musical de Juan del Encina.* (Salamanca, 1997). Ediciones modernas: F.A.Barbieri: *Cancionero de Palacio*, (Madrid, 1890). H.Anglés. *La música en la corte de los Reyes Católicos.* (Barcelona, 1960). M.Querol: *La música española en torno a 1492*. Vol.I (Granada, 1992).

Danza del Caballero

Mohrentanz / Moresca.

Tielman Susato (1500-1561). Her derde musyck boexken. Alderhande Danserye (Amberes, 1551). Ed.facsímil: H.Baeken, E.Schreurs, M.Sanders. (Peer, Bélgica, 1987). Edicion moderna: L.Bernstein (London Pro Musica, 1981).

Danza del Obispo

Lo que queda es lo seguro.
Pedro de Escobar (ca.1465-ca1535). Cancionero Musical de Palacio. F.A.Barbieri, H.Anglés, M.Querol (op.cit), Existen versiones en: Cancionero de Elvas. Ed. M.Joaquim (Coimbra, 1940). Cancionero Musical Biblioteca Bellas Artes de París. Ed. M.Morais (Lisboa, 1977).

Danza del Corregidor:

Adieu ces bons vins.
Guillaume Dufay (1397-1474). Opera Omnia. Vol.VI. Ed. H.Besseler (American Institute of Musicology, 1995)

Danza del Cura

No andes tan aborrido.
Anónimo. Versiones en: Cancionero de Elvas. Ed. M.Joaquim (Coimbra, 1940). Cancionero Musical Biblioteca Bellas Artes de París. Ed. M.Morais (Lisboa, 1977).

Danza del labrador

Daca bailemos, carillo.
Juan del Encina (1469-1530). Cancionero Musical de Palacio. Ed.facsímil: M.Morais. La obra musical de Juan del Encina. (Salamanca, 1997). Ediciones modernas: F.A.Barbieri: Cancionero de Palacio, (Madrid, 1890). H.Anglés. La música en la corte de los Reyes Católicos. (Barcelona, 1960). M.Querol: La música española en torno a 1492.Vol.I (Granada, 1992).

Danza del alfaquí

Danza.
A. Lázaro. Sobre el B'taihi de la nuba tradicional andalusí.

Danza del rabino

Romance.
A. Lázaro. Sobre melodías tradicionales sefardíes. Bibliografia: S.Weich-Shahak. *Música y tradiciones sefardíes* (Salamanca, 1999) y *Romancero Sefardí de Marruecos* (Madrid, 1997).

OTRAS MÚSICAS

Ad mortem festinamus.
Anónimo. Llibre Vermell. (Abadía de Montserrat. Manuscrito num.1). Facsímil en Biblioteca Virtual Cervantes: http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/08140629733581728654480/ima0053.htm
Edición y estudio: M.C.Gómez Muntané (Sant Cugat de Vallés, 2004)

Nunca fue pena mayor.
Johannes Wreede (c.a.1451-fin s.XV). Cancionero de Segovia. Ed.facsímil (Segovia, 1978). Existe versión en Cancionero de Palacio. Ed. F.A.Barbieri, H.Anglés, M.Querol, op.cit.

De Doot.
Anónimo. Thyssius Lautenbook. Biblioteca de la Universidad de Leiden (ca.1600). Copia de facsímil ed.C.Ballman en: Geluit-Luthinerie (Belgische Luitacademie, num24, 2003)

Pásame por Dios barquero.
Pedro de Escobar. Cancionero Musical de Palacio. F.A.Barbieri, H.Anglés, M.Querol (op.cit), Existen versiones en: Cancionero de Elvas. Ed. M.Joaquim (Coimbra, 1940). Cancionero Musical Biblioteca Bellas Artes de París. Ed. M.Morais (Lisboa, 1977).

Calata a la spagnola.
Joan Ambrosio Dalza. Intabulatura de lauto. Petrucci, Venetia (1508). Ed. facsímil (Genève, 1980).

Voca la galiera.
Anónimo. Cancionero de Montecassino (Ms.871). Ed .I.Pope y M. Kanazawa. (Oxford, 1978).

FICHA ARTÍSTICA

Intérpretes / Interpretação
LUIS MIGUEL CINTRA
SOFIA MARQUES
ELENA RAYOS

Músicos
EVA JORNET, *Flautas, Cromorno y Chirimía*
JUAN RAMÓN LARA, *Viola de Gamba y Fídula*
ISABEL ZAMORA, *Órgano*

Dramaturgia y dirección / Encenação
ANA ZAMORA

Arreglos y dirección musical
Arranjos e direcção musical
ALICIA LÁZARO

Coreografía / Coreografia
JAVIER GARCÍA ÁVILA

Escenografía y Asesor de Títeres
Cenografia e apoio para manipulação de marionetas
DAVID FARACO

Vestuário / Figurinos
DEBORAH MACÍAS

Diseño y realización de atrezo
Desenho e construção de adereços
RICARDO VERGNE

Iluminación / Desenho de luz
MIGUEL ÁNGEL CAMACHO (A.A.I)
PEDRO YAGÜE

Asesor de verso castellano
Assessor de verso castelhano
VICENTE FUENTES

Ayudante de escenografía
Assistente de cenografia
ALMUDENA BAUTISTA

Ayudante artística y de producción
Assistente artística e de produção
ANA SZKANDERA

Ayudante de iluminación
Assistente de iluminação
ESTHER ZALAMEA

Realización de vestuario
Confecção de guarda-roupa
ÁNGELES MARÍN
JOSÉ CARLOS ALMEIDA

Realización de escenografía
Construção de cenário
CARPINTERÍA SANTA AMALIA
TALLERES BECA

Jefe de producción Nao d´amores
Director de produção Nao d´amores
GERMÁN H. SOLÍS

Diseño gráfico / Desenho gráfico
AGENDA COMUNICACIÓN

TEATRO DA CORNUCÓPIA / Lisboa

Ayudante de dirección / Assistente de encenação
MANUEL ROMANO

Director técnico
JORGE ESTEVES

Maquinistas
ABEL FERNANDO
JOÃO PAULO ARAÚJO

Técnico de iluminación / Montagem e operação de luz
RUI SEABRA

Ayudantes de escenografía y vestuario
Assistentes para o cenário e figurinos
LINDA GOMES TEIXEIRA
LUÍS MIGUEL SANTOS

Sastra / Costureira
MARIA DO SAMEIRO VILELA

Diseño gráfico / Desenho gráfico
CRISTINA REIS

Ayudante de producción / Assistente de produção
TÂNIA TRIGUEIROS

Secretária Teatro da Cornucópia
AMÁLIA BARRIGA

Fotografia
LUIS MIGUEL SANTOS

DURACIÓN APROXIMADA / DURAÇÃO APROXIMADA
1 HORA

PRODUCCIÓN /PRODUÇÃO
NAO D´AMORES - TEATRO DA CORNUCÓPIA

DISTRIBUCIÓN / DISTRIBUIÇÃO
NAO D´AMORES
Plaza del Socorro 1. 40003, Segovia.
www.naodamores.com
info@naodamores.com
Tfno. 0034-921 46 23 19
Móvil: 676 81 32 02

EDITAN

nao d'amores
compañía residente en Segovia

Junta de Castilla y León
Consejería de Cultura y Turismo
Fundación Siglo para las Artes de Castilla y León

AYUNTAMIENTO DE SEGOVIA

2016 SEGOVIA CANDIDATURA

EN COPRODUCCIÓN CON

Teatro da Cornucópia

Ministério da Cultura

dgARTES DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES